

GODOI, Rodrigo Tavares**

<https://orcid.org/0000-0002-6334-7808>

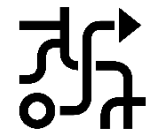
RESUMO: A experiência estética do militarismo em Rondônia depende de uma contingência que neste artigo chamamos de bolsonarismo. A partir dela é viabilizado, nesse estado da federação, uma nostalgia que energiza uma imagem-originária incorporando o lema da missão, da moral e do trabalho. Assim, ao focarmos em como esse lema aponta para um índice do rondoniense (esperado), somos arrastados para o interior de um campo de batalha compreendido, considerando a plasticidade da memória coletiva. Essa condição da memória nos movimenta, entre representação e referência, sob um problema de princípio ambivalente, e ele é de oposição em relação à tentativa de diferenciação que a história visa elaborar.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência estética. Contingência. Imagem-originária. Rondônia.

ABSTRACT: The aesthetic experience of militarism in Rondônia depends on a contingency that in this article we call bolsonarism. From her, in this state of the federation, a nostalgic is made possible that energizes an originary-image incorporating the motto of mission, morals and work. Thus, by focusing on how this motto points to an index of the rondoniense (expected), we are dragged to the interior of a battlefield understood, considering the plasticity of collective memory. This condition of memory moves us, between representation and reference, under a problem of ambivalent principle, and he is of opposition in relation to the attempt of differentiation that history aims to elaborate.

KEYWORDS: Aesthetic experience. Contingency. Originary-image. Rondônia.

** Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Atualmente é professor do Departamento Intercultural da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, na subárea de concurso em Teoria e Filosofia da História. Atua nos temas história, memória e hermenêutica, com ênfase em hermenêutica da memória; Coordena o projeto de pesquisa “Pensar a Memória: da relação entre evento e estrutura”, institucionalizado pela PROPESq/UNIR, é pesquisador do grupo de pesquisa Teoria da História e História da Historiografia – UFMS e consultor interno do PIBIC/UNIR/CNPq.



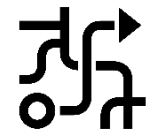
Inteiramente psicologizada, a memória tornou-se um assunto privado, que produz uma nova economia da "identidade do eu". "Pertence a mim [doravante] a atividade de lembrar-me e sou eu que me lembro".

François Hartog

INTRODUÇÃO

A contingência da qual nos referimos como bolsonarismo tem seus laços com a experiência estética, uma vez que, já partimos da defesa de haver no cotidiano rondoniense uma nostalgia em relação aos efeitos do militarismo. Entre os anos de 2019 e 2022, essa cotidianidade foi potencializada sob uma expectativa do tempo em espaços onde as práticas reforçaram uma imagem-originária que remonta processos de modernização do atual estado de Rondônia. Imagem que compreendemos sob o sinal da Estrada de Ferro Madeira Mamoré e o horror à ideia de vazio. O ideal da Modernidade sobrevive frente a um anacronismo da referência. Ou seja, para além de um ressentimento com base em experiências amargas dos efeitos do militarismo, encontramos em Rondônia um sentimento de dívida com o passado e essa sensibilidade de fazer justiça rivaliza com as denúncias do desaparecimento e das torturas. Nesses termos, como síntese, utilizamos o termo (re)sentir. E ele nos aproxima de reflexões que possuem como centro o *algo* do objeto-termo e a *itself* (Ankersmit, 2001; 2005).

Nos limites de uma hermenêutica da memória, os anos de 2019 a 2022 se mostram sob o critério da oportunidade que, em termos bergsonianos, configura a possibilidade da síntese. Então, oportunizar a compreensão de um evento é indicar em como essa contingência abre para o entendimento a apreensão daquilo que é inesperado, que inova ou que não se prevê (Bergson, 1957; Bento; Godoi; Quadros, 2022; Godoi; Quadros, 2018). Lidamos com uma plasticidade na qual a memória não se pacifica na condição de objeto da história e nem a ela pode se apresentar o signo da ambiguidade. Antes, devemos lidar com seus emissários e portadores. Por esse motivo, considerar a especificidade da semântica dos tempos históricos pode nos ajudar a entender que na linguagem da fonte há conceitos que não podemos negar nas interpretações da história. Na aproximação entre memória e contingência podemos sinalizar para as disputas em relação a evento e estrutura (Koselleck, 2006). É nessa dinâmica, do cenário rondoniense de 2019 a 2022, que iremos traçar um



caminho para se pensar a plasticidade da memória coletiva incluindo nela ideias de história de Rondônia e a cotidianidade como reforço de sua imagem-originária.

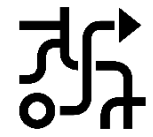
NOS LIMITES DA REPRESENTAÇÃO

De início, a representação observada pelos óculos bergsonianos foi, para Jacques Derrida, um problema que deveria incluir o absurdo do paralelismo (Derrida, 1989; 1993). Mesmo não sendo nosso objetivo adentrar a esse absurdo, é bom notar que essa antítese nos ajuda a compreender a contingência sob um norte não usual das ideias de história de Rondônia, ou seja, pelo (re)sentir.¹ Comparado a outras regiões do país, atestar que o bolsonarismo é significativo, parece-nos não apresentar novidade. Entretanto, quando nos referimos a esse estado, busca-se compreender uma cultura histórica na qual o originário replica a mudança temporal para além de exclusivamente um fundo estético da moral conservadora no cotidiano.² Precisa-se incluir nesse ingrediente princípios que fundam a imagem-originária dessa *itself* rondoniense havendo uma presença sub-reptícia com efeitos observáveis na cotidianidade.

Nesse caso, falar da representação para compreender o originário rondoniense, de sua formação histórica, não significa que devemos fazer recuos apegados à retrospecção. Queremos assinalar que prestar atenção na representação, nos ajuda a enxergar em como existe, de forma velada, um sistema de oposição entre a imagem-originária animada no cotidiano e o difícil acesso da produção historiadora

¹ A fim de encurtar discussão, o (re)sentir está sendo usado como disputa ou batalha que se arrasta no interior de uma representação por agentes performativos (políticos) e de performances (estética). Esse cenário desenhado centraliza a compreensão de uma imagem-originária, possível de ser enxergada se considerada a oportunidade que o bolsonarismo lançou na experiência estética do militarismo em Rondônia. Por isso, a contingência está sendo enxergada, neste momento, como a oportunidade para um fundo estético da moral capaz de simular o que Henri Bergson chamou de poder de síntese. Nossa finalidade não é estudar ou falar do governo Bolsonaro, mas prestar atenção nessa oportunidade que aponta para uma imagem que descreve uma originalidade do rondoniense a contrapelo da necessidade de barrar o futuro e o progresso. Nela se reivindica a superação da estrutura estruturante do vazio que intensiva seu afastamento dos discursos de conservação, defesa das populações tradicionais e povos originários.

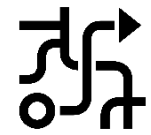
² A esse respeito, precisamos assumir o risco de que o processo migratório das regiões centro-sul do país para o estado de Rondônia tem vínculo com essa moral conservadora que encontrou um espaço aonde suas práticas conjuntaram político-religioso. Mesmo assim, o risco anunciado não significa alienação onde suas raízes ultrapassam um fundo estético da experiência do militarismo local e alcança uma consciência histórica patrimonialista e patriarcal.



profissional no imaginário dessa imagem. Para além de um anonimato, essa contingência da qual nos referimos, incorpora um discurso vivente etiquetado e celebrado como selo de garantia no *Capitão* expresso no amor à pátria, família e agronegócio (Bento; Godoi; Quadros, 2022). Essa efervescência em Rondônia está sendo compreendida a partir de uma crítica que está entre Derrida e Bergson. Em sua leitura, o preconceito bergsoniano foi o de enxergar no *re* um simulacro da *apresentação* (Derrida, 1989). Isso significa que podemos aprender dessa crítica derridariana (da defesa do paralelismo) na leitura dessa imagem-originária que, por outro lado, no bergsonismo, essa imagem se expressa como simulação duplicativa do acontecimento (Bergson, 2014).

Bem, para fazer essa aplicação da representação para ler Rondônia diante da crítica de Derrida a Bergson, entendemos que no interior desse estado o discurso de militarização assumiu uma face tendo a representação não somente um lugar de reforço para tentar alcançar uma essencialidade, mas, de fato, o próprio *pôr de volta* ou *que dê volta* (Derrida, 1989). Essa defesa da presença, em termos derridarianos, nos faz analisar a crise de sentido que institui a história no cotidiano deste estado, motivo pelo qual, a memória resiste em oposição. Sob a influência da experiência do tempo, de uma epistemologia calcada na defesa de ter sido o Regime Civil Militar brasileiro uma experiência do passado negativa, faz com que os rondonienses rejeitem essa visão historiográfica por reafirmar a imagem-originária. Porém, antes de adentrar nessa tensão ou barreira da memória/história, é bom clarificar um pouco mais esse problema da linguagem que Derrida apontou contra Bergson.

Sinalizar para a defesa de um paralelismo, significa dizer que há um processo de redução cogitando a possibilidade de uma substância que se mostre, independente da mudança temporal. Ela não significa que seja plausível defender a inviabilidade de acessar o passado. De que maneira seria isso possível? Independente do que dizem as epistemologias da história, a defesa de uma fenomenologia da memória parece ser viável a partir do momento em que se dá crédito para emissários e portadores. Porém, no caso de Rondônia eles não fazem parte, unicamente, de uma relação de carne e sangue, mas do próprio *templo* da imagem-originária. Há uma ambiência dessa memória coletiva pretendendo conservar seu processo expansivo que alcança ou ecoa nessa oportunidade. Dizer *mito, mito...*, reanima esse lugar de um *nós*, onde ele



deixa de ser jargão e passa para a missão-militância de exterminar o inimigo (mal).³ Há uma comunidade comunicativa que dispensa a alteridade porque ela institui risco à *itself*. Essa privatização do passado não coloca em distância *eu* e *nós*, porque há presença. De maneira vulgar, afirma-se que o conteúdo é tomado pela forma que, a contragosto de Bergson, foi-lhe etiquetada a defesa do *em si*.⁴

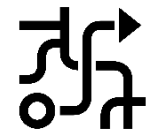
Sob o ponto de vista dessa presença, o conceito de representação depende de uma necessidade e ela é a ambivalência. Com essa observação, podemos dizer que representação e referência estão em ambivalência que, aplicada para o caso da memória coletiva, se sustenta no interior da imagem-originária. Isso significa que no caso da missão-militância rondoniense, a mudança temporal não racionaliza a oportunidade por arrastá-la para o interior da continuidade. Essa é expressada pela indicação de personagens que habitam o *templo* dessa memória, pois *re-presentam* a atualização de símbolos que vivem no interior do cotidiano, tais como a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, Marechal Rondon e Coronel Jorge Teixeira de Oliveira, cujas missões se descrevem: desenvolvimentismo, desbravamento, superação da selvageria, militarização e integração nacional. Sua motivação é o trabalho como indicação do afastamento do vazio (inóspito e confins).⁵

Afastamento que se expressa pelos bens simbólicos do hino e bandeira do estado de Rondônia (Letras, s/d). Essa referência compõe o índice que serve de substância e essência para a composição desse lugar originário do passado glorioso. A expressão da modernidade, da integração e do desenvolvimentismo encena para o rondoniense seu apego a essa imagem-originária que, para além da simples ocupação do território e expansão da fronteira norte, visa enfrentar um inimigo: aquele

³ Essa relação de pares antitéticos deve ser vista sob o eco do *eu* como *posso-dizer* (Derrida, 1989) sob um fundo moral de princípio estético do gosto tendo como poder de veto o *eu* gosto ou não gosto (Todorov, 1999). Essa moralização da história está refletida nos extremos da repulsa ao vermelho à comicidade. De um ataque a pessoas que usam camisetas vermelhas ao riso diante memes (Derrida, 1993; Rösen, 19 set. 2022, 53:54-57:53; Pescarini, 12 out. 2022; Calazença, 13 out. 2022; Godoi, 2022a).

⁴ Contestação de Bergson a Gustave Belot no I Congresso da Sociedade Francesa de Filosofia (1901). Uma leitura da qual na década de 1980, Derrida acompanhou por ter acusado Bergson de ser defensor do essencialismo da realidade (Bergson, 1957; Derrida, 1993).

⁵ As afirmações acima podem ser encontradas nas três versões da aporia da memória que representa a crítica por nós elaborada no interior das ideias de história de Rondônia calcadas no conceito de memória coletiva sob a inspiração e limitação de Maurice Halbwachs. Essas versões transitam entre memória como manipulação, vivência e imaginário. Formas de racionalizar a memória que não levam em conta a proximidade entre experiência, estética e duração (Godoi, 2020b; Bento; Godoi; Quadros, 2022; Bento; Godoi, 2020).

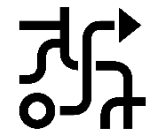


que ameaça o desenvolvimento regional na defesa da terra pela reforma agrária, comunidades tradicionais e preservação da floresta. Um tema que, para os rondonienses, pode significar insistência no atraso, entrave à ocupação da terra pelo trabalhador (de verdade) de mãos calejadas (migrante-pioneiro-trabalhador). Um cenário de horror combatido desde o séc. XIX (da transposição das barreiras da floresta e fluvial) e que, em pleno séc. XXI, parece assombrar o estado pela esquerdização do imaginário social. Essa contradição deve ser combatida e a oportunidade é no bolsonarismo, pois fornece o material empírico de observação. Um dado positivo da experiência do tempo militarista local (Godoi, 2022a; Bento; Godoi; Quadros, 2022).

De fato, o inimigo em evidência é o horror ao vazio e sua indicação. Para sinalizar, nas ideias de história de Rondônia e na sua imagem-originária, ele ocupa lugar privilegiado. Não se escapa dessa indicação na formulação discursiva, imaginativa, representativa ou analítica. Assim, esse horror arrasta para o seu interior a negação daquilo que possa lembrá-lo da oposição à imagem-originária. Nesse caso, o problema volta-se para a questão da alteridade. Considerando que o pioneiro coloca-se em lugar-comum com migrante-desbravador, significa que a composição do estado é celebrada pela chegada de muitos que viam nessa fronteira, em movimento, justamente aquilo que provoca o horror. Em contrapartida, no desejo de superar a natureza, o inferno verde, inclui-se nesse desejo a superação das relações tradicionais do existir (Gomes Neto, 2019; Paula, 2018).

A superação está para a negação da alteridade. Compreende-se esse desejo no sistema propagandístico do ex-governador Jorge Teixeira, no processo de transição do território para estado de Rondônia, por exaltar a migração em nome do trabalhador (Telamazônica, 06 ago. 2012, 1:12-1:30). Em Rondônia, essa manifestação de horror estende-se àquilo que representam os seringueiros, ribeirinhos, quilombolas ou indígenas. Há um modelo de sociedade a ser defendido como expressão da dialética entre moderno *versus* tradicional que, sob o efeito estético da experiência militar, sinaliza para a necessidade de continuidade da integração, modernidade e desenvolvimento.

Nesses termos, o movimento realizado para a formação do estado inclui na etiqueta o reforço à moral, trabalho árduo, defesa da família, valor do hábito cristão-conservador e produtividade (o que estimulou expropriações, grilagens e

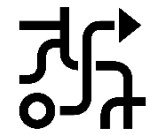


especulações da terra) (Paula, 2018). Mudar-se para Rondônia representou um verdadeiro ato de fé e perseverança para vencer esse inferno.⁶ De todo modo, produzir cisão entre o tradicional representado por determinadas comunidades já existentes e a nova face da sociedade desejada pelos militares, fazia-se necessário mais que elaborar um projeto intercultural. Devia-se olhar para a abertura do Brasil, especialmente da fronteira norte, para o capital internacional.

Essa disjunção da representação do tradicional no interior da nova figuração social não pode ser enxergada sob o estranhamento, não quando estamos lidando com projeto político. Lendo Rondônia sob esse efeito estético do militarismo no estado, as políticas de integração realizadas desde a década de 1930 tiveram sua consolidação nas décadas de 1970/80. Com o ex-governador Jorge Teixeira que há efetiva relação entre missão e o *templo* da memória (coletiva) dos desapossados da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Momento em que a expectativa do tempo no cotidiano performativo, estabeleceu uma performance encobridora do drama da desativação do projeto ferroviário, ainda na década de 1960. Essa estratégia designou para a missão, significação dada pelo próprio Teixeirão, retirada do sonho rondoniense das proximidades do horror ao vazio (Governador, 12 jul. 2011, 0:06-0:30).

A esta altura de nossas afirmações, a noção de estrutura estruturante não somente está para significar o interesse em povoar e desenvolver a região norte, mas também negar à alteridade a sinalização do futuro. Essa negação pode ser apropriada a partir de nossa contingência como manchetes de jornais que evidenciaram a antipatia da administração pública federal (2019-2022) em assuntos como preservação da floresta, conservação ambiental, consolidação do marco temporal (territórios indígenas) e intitular de terroristas camponeses que lutam pelo direito a

⁶ A significação do infernal para se referir à Amazônia e a Rondônia, em específico, depende de uma imaginação social representada por uma literatura que exalta o destinatário. Como exemplo, da aporia da memória coletiva, momento em que cronistas ou escritores estabeleceram a imagem do inferno associada à dificuldade de vencer a natureza, para significar a baixa qualidade de vida, a ausências ideais da presença do Estado, do sentimento de abandono e desalento, das relações sociais nas quais as desigualdades representaram exploração e violência. Essa imagem do passado rondoniense visou encontrar o leitor de regiões não nortistas, a fim de provocar sensibilidade, comoção ou empatia tendo como finalidade reforçar o espírito de repulsa à estrutura estruturante do vazio. Essa imagem pode ser encontrada, para além da imprensa e crônicas da época, produções de documentários, filmes e livros que visam apresentar e ressaltar esse imaginário nostálgico do rondoniense (Gomes Neto, 2019; Museu, 27 out. 2016, 00:15-15:16).



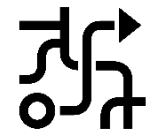
terra. Nesse encobrimento, o termo originário não se aplica para valorizações étnicas ou culturais de comunidades tradicionais, mas expansão de uma imagem sentida e atualmente na figura do *Capitão* que ocupou a posição de piloto que esteve na direção (Derrida, 1989). Esse simulacro da duração replica o preconceito a partir da moralização da história.⁷

Anteriormente, afirmamos que a ambivalência anima e movimenta-se no interior da representação. Como isso se realiza na prática? No caso de Rondônia a expressiva adesão ao bolsonarismo tendeu a rejeitar as diferenciações que a história realiza como trabalho cognitivo frente à automatização da memória (Godoi, 2020a). Essa ambivalência, que deveria ser de complementaridade, resiste no caso de Rondônia, porque a imagem-originária dificulta a sensibilidade que reconhece na mudança temporal a diferença ou, para aquilo que pode ser reforçado como a alteridade de si mesmo na busca da *itself* da experiência do passado (Rüsen, 29 set. 2022, 41:46-52:25). Nessa dificuldade de reconhecer o outro ou da interculturalidade, o sentido almejado é aquele que em Derrida se faz absurdamente através de dados da consciência ou históricos (Derrida, 1989).⁸

Essa absurdidade pode ser encontrada quando olhamos para dados empíricos ligados ao desenvolvimento da Amazônia que atravessa o militarismo de Vargas (1937-1945), da Ditadura Civil Militar (1964-1985) e reconhecida pelos óculos nostálgicos da contingência que estamos contornando. Um efeito estético recheado de portadores autorizados que, pela memória, produzem síntese que rivalizam com a alteridade de si e de outrem. Atualmente, essa autorização performativa se fez com o *eu autorizo* independente da responsabilidade ética, historicamente situada, dispensando e, por vezes negando, desaparecidos, mortos e torturados pelo Regime Civil Militar (Bento; Godoi; Quadros, 2022).

⁷ A moralização da história reforça o simulacro desejado pela imagem-originária, pois energiza o senso ambivalente entre amigo e inimigo. Essa moralização da história a submete aos interesses privativos da memória em contínua disputa (Rüsen, 2009). Disputa que incide na necessidade do sofrimento cuja transposição da barreira memória/história coloque a história no interior de um conflito, desnecessário, entre ética e estética (Bento; Godoi; Quadros, 2022; Rüsen, 19 set. 2022, 1:17:10-1:23:10).

⁸ Nesse caso em especial, a questão está diretamente para a consciência ou história, mas para sua associação com dados. Isso significou, para Derrida, a recusa da mudança e defesa de uma imagem que fosse capaz de indicar uma linguagem real de uma realidade literal da experiência do passado. Esse é o motivo pelo qual o paralelismo se torna um absurdo, pois dados e fenômeno são diferentes.

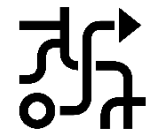


Quando nos colocamos no interior de uma história (re)sentida, para além de uma experiência do passado negativa, o militarismo significa, no interior de Rondônia, o desejo de progresso. Com isso, o inimigo deve ser combatido com as armas da representação encontradas na autorização performativa. O ressentimento decorrente da imagem-originária está no fato do outro ser associado ao comunismo e ao estímulo do atraso, da barbárie, do risco à propriedade privada e da moral. O efeito estético do militarismo em Rondônia incorporou elementos de performances arrastando a imagem para o interior da batalha do bem contra o mal. Essa missão-militância existente nesse estado pode ser interpretada considerando o conteúdo da forma. Isso significa que temos de considerar, criticamente, o substrato desse conteúdo no qual os dados empíricos são ordenados de maneira a responder uma necessidade e ela se torna demonstrável a partir do princípio, criticado no bergsonismo, que é a defesa de uma essência encontrada em um absoluto (transcendente) que independe das contingências (Bergson, 1957).

A PRISÃO DA IMAGEM NA RE-PRESENTAÇÃO

A imagem-originária tem por finalidade anunciar que a mudança temporal em nada pode interromper uma necessidade moral, mesmo sob um fundo estético. Em outros termos, prestar atenção à experiência estética rondoniense do militarismo é defender a essência que consolidou a estrela do oeste. Esse dado histórico visa instituir na memória coletiva o conceito de imagem sob a defesa do *algo* resistente à mudança. A significação do *re* da *apresentação* viabiliza reforço para um desajuste dos fenômenos. Aplicado para o caso rondoniense, os emissários da imagem-originária se apresentam no cotidiano na forma de nomes de ruas, praças, ginásios, comércios, órgãos públicos ou imagens-movimento. Esse *re* organiza uma ideia e ela é imediata a partir da interação. Em se tratando de memória, essa interação é entre passado e presente, da tomada do começo pelo fim, de uma duração artificial (Hartog, 2013). Na defesa de Jorge Teixeira, ao olhar para trás, observa-se que Rondônia apresenta um passado glorioso, realizado por trabalhadores de mãos calejadas que, como eco na contingência, são os verdadeiros (Governador, 12 jul. 2011, 0:06-1:23).⁹

⁹ Esse jargão do trabalhador de verdade é replicado, de inteiro teor, no bolsonarismo. Em sua propaganda veiculada para o segundo turno das eleições de 2022, etiqueta o trabalhador de verdade (mãos calejadas) à agricultura familiar e concessão de título de posse da terra (escrituras). Ela replica o discurso propagandístico do governo estadual, da década de 1980,

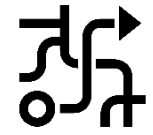


Sob a hermenêutica da memória, a imagem-originária não pode ser tomada como um eco do passado que em si se representa, mas como expressão de uma política da memória que disputa com a escrita da história o lugar de retorno subjetivo. Esse conteúdo da forma imputa à observação empírica uma formulação necessária que demonstra um cenário positivo (colaborativo) com a expectativa do tempo no cotidiano. Não se pode negar, junto da memória coletiva, o homônimo dos trilhos, mas desta vez sob a esfera da vida prática. Isso significa que os trilhos representam, para além de uma linha férrea, a incorporação da memória coletiva no interior da imaginação social. Assim, olhar para trás significa superar aquilo que nega a imagem do pioneiro-trabalhador. O migrante, tão esperado no discurso federal e estadual dos anos 1970/80 representa o afastamento da estrutura estruturante como motivação desse processo de ocupação do território. Dessa forma, ao invés de tê-lo por espaço vazio, devia haver relação intrínseca entre ele e a produtividade (agro/pecuária/industrial) (Goza, 1994; Bento; Godoi; Quadros, 2022).

Como tônica circular, os emissários da imagem-originária dependem do imediato e da interação como estratégia para se evitar o reconhecimento da mudança temporal. Esse reconhecimento condiciona entender circunstâncias (diferenças/novidades) não corroboradas no simulacro da duração. Esse visa a colocar a imagem na dimensão do espaço. Já mencionado anteriormente, no bergsonismo este não é um caminho satisfatório, porque gera mal-entendido na relação forma e conteúdo. Essa visão do simulacro pode produzir confusão ou ambiguidade na compreensão do tempo pelo espaço que coloca a duração sob o signo da conservação. E, para explicá-lo, deve-se seguir um caminho que para nós é o de uma arqueologia da retórica.

Em Derrida o simulacro da duração pode ser entendido pela crítica que fez da retirada da metáfora (Derrida, 1989). Ele impede que possamos compreender que o passado, na dinâmica de sua passividade (foi/não mais/ter sido) confunde essência com dados empíricos. Isso implica, na idiosincrasia, na impossibilidade de separação entre a imagem-originária e o presente do passado no presente. Esse paralelismo entre as categorias de tempo que se descreve no conceito de presença significa

na imagem de Jorge Teixeira. Esse discurso representa a imagem-originária, e ela rivaliza com aqueles que representam o tradicional (Propaganda, 07 out. 2022, 9:32-9:41; Bolsonaro, 08 out. 2022, 2:24-2:46; Telamazônica, 06 ago. 2012, 1:18-1:35).

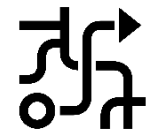


atestar a crença no transcendente metafísico. Na fenomenologia essa presença depende do crer, da junção ou lugar-comum entre voz e fenômeno. Ou seja, sob o princípio escatológico, seria o mesmo que encontrar o caminho a ser percorrido a partir de um dado empírico, o que nos induz à crença na missão-militância do político-religioso. Essa base ontológica da *mística* rondoniense reproduz uma moral vivente no interior do estado onde o conteúdo é enxergado pela forma, ou seja, pela morte da contingência – novidade, imprevisibilidade e liberdade (Bergson, 1957).

A *re-presentação* organiza-se no interior de uma motivação que é a própria ambivalência de oposição que divide o tempo histórico em antes e depois da modernidade. Os dados empíricos que podem ser tomados como tempo representam, em substrato, a indicação do espaço como simulacro de movimento, pois há mudança e compulsão para eliminar o horror do vazio. A afirmação anterior tem sua inspiração na crítica filosófica que coloca em perspectiva Derrida e Bergson, porém, para não sermos absorvidos pelos argumentos metafísicos, essa querela nos indica que a imagem-originária se torna um desvio, em sentido hermenêutico.

Nesse caso, em se tratando de contingência, consideramos a positividade da defesa bergsoniana por ter criticado a associação da contingência com paralelismo ou para uma leitura por nós tida como equivocada, reverberada desde Maurice Halbwachs, na qual a duração confunde-se com individual (experiência-percepção). Essa forma da qual Bergson denunciou implica no desejo de atualização contínua nos moldes de um presentismo. Ainda que esse se torne um exemplo metafórico da duração, concebe-se uma abertura na contingência que insiste numa estrutura psicologizante da memória (Hartog, 2013).

Os trilhos são mais que o ferro, a propulsão, os trabalhadores. Eles representam a soberania nacional desenhada antes mesmo do Regime Civil Militar brasileiro (1964-1985). Independente da memória que se tem da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, sua marca não deve estar, como análise, exclusivamente na alusão de vontade política de desbravamento, investimentos financeiros, criação da capital de Rondônia e relações internacionais como expressões positivas ou negativas de uma memória coletiva. Deve-se incluir, também, o efeito estético dessa experiência no cotidiano com suas respectivas saturações dos agora (Godoi, ago. 2022b, 03:00-14:00).

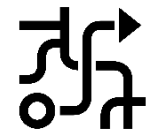


Essa abertura como efeito estético de uma cotidianidade, nos indica que pela contingência a imagem-originária dispensa a mudança temporal e simula uma realidade que expressa seu paradigma na sucessão contínua, progresso histórico e conservação essencial decorrente de uma necessidade de os conteúdos aderirem-se à forma. Ou seja, essa contingência que se apresenta para uma hermenêutica da memória como oportunidade é, nos espaços praticados, a sua negação (Bergson; 2014). Uma negação que precisou acomodar o amargor, testemunhal, dos desapossados e expropriados da máquina-ferro, no contexto de sua desativação, nos limites da imagem-originária.

No documentário realizado no ano de 1981, pela Fundação Nacional Pró-Memória (FNpM) em conjunto com o governo do estado de Rondônia, decorrente da assembleia realizada com a comunidade ligada à ferrovia, ocorrida em novembro de 1980, somos induzidos a pensar na esperança, na retomada, no retorno dela nesse contexto (mesmo ano que João Figueiredo assinou o decreto elevando Rondônia ao status de estado da federação) como significação da expectativa do tempo no cotidiano. Essa relação com o tempo destoa-se nos projetos militares. A reabertura dos trilhos reacendeu nos corações dos ferroviários a ilusão de ver, novamente, o trem percorrer o trecho de Porto Velho a Guajará-Mirim. Projeto frustrado que não ultrapassou fins turísticos de um pequeno trajeto.

Nas palavras do sr. Manoel Soares, eles trabalharam com empenho, a fim de colocar de volta nos trilhos, a locomotiva (Museu, 09 out. 2016, 1:8-2:4). Esse empenho se deu em virtude das práticas realizadas pelo governo federal logo após ter desativado a ferrovia no ano de 1966 resumidas na destruição de seu acervo. Na época queimaram arquivos, despejaram peças e equipamentos no rio Madeira e as abandonaram às margens da ferrovia. Para ter voltado a funcionar em 5 de maio de 1981, fora necessário que os ferroviários buscassem peças antigas, recondicionando e restaurando-as para que voltassem a ouvir o apito e ver o vapor saindo das caldeiras.

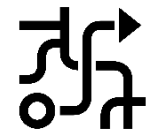
Em depoimento, o sr. Francisco Antônio Araújo declarou, com amargor em meio à frustração, que o exército brasileiro não tinha interesse na ferrovia. A chegada deles representou o seu fim, pois o interesse era à rodovia (efetivação da BR 364). Um homem que dedicou sua vida aos trilhos desde o ano de 1927. Ao ser perguntado quanto aos motivos da desativação, respondeu: “Aí não pode dizer nada” (Museu, 27



out. 2016, 2:00-3:42). Sua afirmação sugere certo trauma, havia um silenciamento que circulava desde a desativação até o dia da entrevista. O não poder dizer nada fazia parte da autoridade e transferência realizada para a guarda dos militares do todo relacionado à ferrovia. O desvirtuar da esperança pode ser significado pelo fatalismo. Aos desaparecidos recai a significação simbólica, pois representam o apagamento ou eliminação de materialidade. Com os militares, a operação, desde 1966, foi a de desaparecimento dos *corpos* da ferrovia. Seus condenados choraram e esperaram por justiça. O ano de 1981 representou a possibilidade de fim do luto e raiar do perdão. Esse trauma que circulava numa comunidade comunicativa fazia sentido, somente no cotidiano.¹⁰

Fora formas distintas de comemorar a ferrovia, eis a questão. O projeto estimulado pelo governo federal de resgate da ferrovia não ocupava lugar-comum com a expectativa do tempo no cotidiano dos ferroviários. O objeto-termo dependia mais da imagem-originária que consolar os condenados que se emocionavam ao ver a *ressurreição* de um *corpo* mutilado que se encontrava *desaparecido*. Esse trauma precisou se conformar com a criação do museu da estrada de ferro. Ele representou o monumento aos *desaparecidos* e perdão por retirar desse momento uma lição. O início do documentário da FNpM se dá nessa relação entre esquecimento e lembrança. Uma estratégia que visa apaziguar ambos sob a lógica da expectativa (utopia). Entre o trauma do passado e a esperança do futuro, o governo federal tratou de assentar um discurso que fizesse sentido. Essa experiência traumática se transforma em locomotiva imaginária, utópica, comemorada. Fazer sentido é espelhar o esforço do trabalhador obsoleto e fazer referências às seis mil mortes. Do luto ao perdão. O cotidiano se acomodou, espelhou-se nos discursos de Jorge Teixeira e, de

¹⁰ A dimensão traumática foi tomada pela metáfora do campo de concentração. Colocar em conjunção ferrovia e o *holocausto* quer significar dimensões entre repressão política autoritária e os presos. Porém, no campo simbólico, representa uma realidade cotidiana onde os ferroviários estavam presos, pois fora retirada uma vida de forma violenta. Esse poder simbólico dos militares aprisionou os condenados da ferrovia a uma imagem do presente onde os corpos sofriam em decorrência da privação, ausência e expropriação. Pessoas que ficaram privadas de mercadorias, isolados no período de cheias, residentes em casas ameaçadas de despejos, vulneráveis às doenças, déficit no acesso às condições básicas de água encanada e energia elétrica. Esse retrocesso e privação associara o trauma da ferrovia à destruição, uma experiência negativa significada nos galpões da ferrovia – instalações abandonadas na cidade de Porto Velho. Esse abandono do símbolo da ferrovia significou silenciamento, repressão e obediência à voz de comando. Essa metáfora do campo de concentração foi usada pelo engenheiro Luiz Leite que, ao retornar para o estado e capital, espantou-se ao ver a mudança na realidade da ferrovia (Museu, 27 out. 2016, 6:16-7:48).

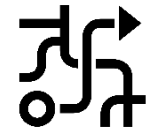


lá pra cá, o inferno verde, a estrada da morte e a ferrovia do Diabo foram assentados no discurso do progresso e desenvolvimentismo. Discurso enérgico incorporado no bolsonarismo que dentre as nuances, circula o imaginário social, comemorado e consumido no interior do cotidiano. Como exemplo dessa cotidianidade, uma cervejaria que brinda o sucesso rondoniense por encontrar no homônimo dos trilhos uma homenagem à locomotiva que levou o nome do Coronel Church.

No documentário exibido pela TV Cultura, a lendária frase de para cada dormente, um operário, se deve ao fato de que na reta/seta do Abunã, o terreno era alagadiço e, por isso, os casos de malária eram elevados – trecho de muitas mortes que antecedia a chegada a Guajará-Mirim. Interessante que, no ano de 2021, foi inaugurada, pelo então presidente da república brasileira, Jair Bolsonaro, a ponte do Abunã. Inevitavelmente, ao estilo lógico dos militares, essa ponte não representou somente a passagem entre Rondônia e Acre, mas mais uma vitória do progresso em relação à natureza. Um evento muito comemorado, cheio de simbologias religiosas, citações de trechos da Bíblia e, continuamente, apontando para a superação de um sistema primitivo, nesse caso, das balsas (Tv Cultura, 16 out. 2011, 15:01-15:23; Bento; Godoi; Quadros, 2022).

Não coincidentemente, esse ato público político, fortalece o originário etiquetado no processo comemorativo de criação do estado de Rondônia (1981), representado em Jorge Teixeira. Cenário importante por apresentar um evento comemorativo que inclui modernização – tecnológica, televisiva, saúde, educacional, histórica e valorização do trabalhador por conceder-lhes títulos de propriedade da terra. Uma marca que apaga a dialética, que rejeita a defesa cronista romântica do inferno, que encobre a alteridade e dispensa a defesa de ser a memória posteridade. Essa dispensação ou não da referência na imagem de Rondônia, sinaliza para que olhemos seu originário como índice (Bento; Godoi; Quadros, 2022). Poderíamos dizer que, diferentemente do bolsonarismo, representar essa contingência que reforça a imagem-originária, o Teixeira constitui a própria consolidação dela – contexto reivindicatório de redemocratização do país.

A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré se forma no homônimo, porque os trilhos representam, economicamente, tanto acessibilidade quanto modernidade, tanto expansão territorial de um país quanto nacionalização (integração). Sob o ponto de vista dos eventos, não se pode confundir o contexto da construção dessa linha férrea



com o projeto desenvolvimentista do Regime Civil Militar. Conforme dito anteriormente, nos anos de 1960, a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré já não era interessante para a ~~então~~, economia brasileira calcada na abertura para o capital internacional. Então, além da perda de interesse pelos motivos econômicos que consolidaram a construção da estrada de ferro, a sua lógica de transporte já não fazia parte do atual capital desenvolvimentista, exceto, para o cotidiano representado pelos corpos que passaram a decorar o *templo* da memória. Esse drama, vivido pelos órfãos da ferrovia, foi incorporado na memória coletiva como expectativa. Ou seja, sob a semântica dos tempos históricos, o armagor da experiência do passado fora substituído pela forma. Isso significa que da contingência dispensou-se a novidade, porque a necessidade da forma era de a expectativa inventariar a experiência (Koselleck, 2006).

Considerando que a ambivalência entre diferenciação da história e automatização da memória é de oposição, significa que no cotidiano rondoniense, a contingência nos apresenta a oportunidade de compreender, além da dificuldade de influência historiográfica na vida prática, sua condição desagradável. A historicização ou sua experiência desagrada certo retorno subjetivo do passado porque o cotidiano está energizado por um conteúdo cuja forma o molda sob o princípio da missão-militância. Essa contingência representa não somente a anulação da novidade, mas oportunidade de compreender que a imagem-lembrança se veicula para uma demonstração do empírico experimentando uma abertura que atualiza um espírito do tempo performado pelos emissários e na performance do cenário que dispensa a racionalização pela defesa do (re)sentir. Esse valor político e estético da memória fortalece um estar-junto (nós) que comunica ao rondoniense uma imagem-originária circulada nos espaços privados e privativos da imaginação social na comemoração do passado como efeito estético do militarismo nos dias de hoje.

Como disse Derrida, essa batalha que se trava no interior de cenários ou molduras, para usar uma metáfora à obra de arte, visa a encontrar os destinatários que nos espaços praticados disputam e perseguem essências sem as conquistar, em definitivo, a menos que seja no jogo das representações (Derrida, 1989). Porém, esse jogo não aparece no interior das escritas da história de Rondônia, uma vez que nele a retrospectão, o acesso, a verdade, o reducionismo do *phone*, o discurso como representação-imaginário não tem importância decisória. O decisionismo pertence à

memória, mas ela não pode ser vista sob o jogo dialético do processo histórico ou da continuidade cronológica como desenvolvimento (transcendente).

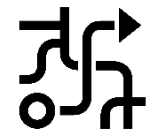
Bem, a *re-presentação* deve ser entendida sob a defesa da metáfora que simula desvincular dela, a metonímia. Esse simulacro, que pode ser confundido com duração, institui na imagem-originária a substituição de aspectos pela essência. Então, a *itself* de Rondônia apreende à missão a feição mística do político-religioso que, para isso, podemos fazer da premissa de ser a memória condicionada à posteridade. Nesse elemento, a memória coletiva imputa para o futuro do passado uma representação disputada pela política do passado performado.

CONCLUSÃO

Então, as páginas que compõem esta discussão estão voltadas para compreender em como, a partir de uma contingência, abriu-se uma estrutura que se impôs e em como ela influencia uma leitura, em particular, do estado de Rondônia. Esse presumido está incorporado em nossa interpretação com base no conceito de experiência estética. Conceito que implica na cotidianidade atual o lugar-comum entre imagem e originário como entendimento para o efeito estético de uma experiência (re)sentida do militarismo. Esse movimento visa a sinalizar ~~para~~ como a plasticidade da memória coletiva ultrapassa os limites da posteridade, idiosincrasia ou ambiguidade. Há limites performativos e de performances entendidos entre imediato e interação que disputam entre si sob uma *différence* tensionada no interior da barra entre história/memória.

Para fazer uso de uma metáfora derridariana, um cenário arrastado por uma onda que, ao sinalizar o caminho, desautoriza essa sinalização por levar de volta para o mar impressões necessárias dessa indicação. Sendo assim, por essa complexa relação com o temporal, ~~que~~ insistimos em nos manter em meio a tensões entre história e memória. Compreender um caminho com base nos argumentos de Derrida e Bergson pareceu-nos apropriado, a fim de insistir na diferenciação necessária desse misto entre singular e essencial, único e fenômeno, contingência e protensão na temporalidade (Bergson, 1957; 2014; Derrida, 1989; 1993).

A experiência estética do militarismo em Rondônia pode ser compreendida, de partida, como o reforço da contradição sustentada nas leituras críticas a Bergson, ou seja, que insiste no paralelismo de sua filosofia. Esse entrave nos lança na defesa



homônima dos fenômenos: daqueles que se repetem e dos que duram na expressão de seus aspectos. Mas, de toda forma, incluir a Estrada de Ferro Madeira Mamoré para compreender a imagem-originária de Rondônia, nos mostra um efeito estético dessa experiência do passado que se arrisca num jogo perigoso do (re)sentir que é colocar em lugar-comum pioneiro, trabalhador e migrante. Um jogo que pudemos enxergar na janela aberta pelo bolsonarismo em Rondônia, onde as raízes dessa contingência nos arrastam para arquétipos sociais que estão entre a negação da alteridade de si, de outrem e afirmação da escatologia.

REFERÊNCIAS

ANKERSMIT, Frank. *Historical Representation*. California: Stanford University Press, 2001, p. 149- 175.

ANKERSMIT, Frank. *Sublime Historical Experience*. California: Stanford University Press, 2005, p. 241- 262.

BENTO, Luiz Carlos; GODOI, Rodrigo Tavares. História da historiografia e teoria da história: avanços e possibilidades. In: PATRIOTA, Rosangela; RAMOS, Alcides Freire (orgs.) *História Cultural: reflexões contemporâneas*. São Paulo: Ed. Verona, 2020. Epub.

BENTO, Luiz Carlos; GODOI, Rodrigo Tavares; QUADROS, Eduardo Gusmão de. *História (Re)Sentida. Compreensão Ética e Estética de Arquétipos Autoritários Brasileiros: ensaios de historiografia crítica em contexto de crise de sentido*. Vitória: Ed. Milfontes, 2022, 224 p.

BERGSON, Henri. *Écrits et Paroles I*. Paris: PUF, 1957, p. 139-167.

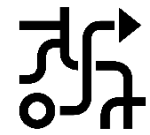
BERGSON, Henri. *Oeuvres Complètes*. France: Arvensa Éditions, 2014. E-book. Disponível em: <https://www.arvensa.com/bibliotheque-numerique/oeuvres-completes/henri-bergson-oeuvres-completes-ebook-epub-pdf-kindle/>. Acesso em: 08 nov. 2022.

DERRIDA, Jacques. *La Deconstrucción en las Fronteras de la Filosofía: la retirada de la metáfora*. Barcelona: Ed. Paidós: I.C.E. de la Universidad Autónoma de Barcelona, 1989, 128p.

DERRIDA, Jacques. *La Voix et le Phénomène*. France: Quadrige: Puf, 1993, 117p.

GODOI, Rodrigo Tavares. Historicidade dos memes, automatização da memória, comicidade: uma reflexão crítica em contexto distópico. *Literatura, História e Memória*, 2022a, v. 18, n. 32, p. 270-293. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/28437>. Acesso em: 18 de set. 2023.

GODOI, Rodrigo Tavares. (In)confiabilidade da memória como introdução à interpretação temporal da lembrança: um diálogo com Aleida Assmann. *Trilhas da*



História, 2020a, v. 10, n.18, p. 161-188. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/10100>. Acesso em: 18 de set. 2023.

GODOI, Rodrigo Tavares Godoi. Teoria da memória: diálogo transdisciplinar e metahistória. In: BENTO; Luiz Carlos; GODOI, Rodrigo Tavares; PASSOS, Aruanã Antonio dos (orgs.) *Historiografia Crítica: ensaios, analítica e hermenêutica da história*. Vitória: Ed. Milfontes, 2020b, p.161-230.

GODOI, Rodrigo Tavares; QUADROS, Eduardo Gusmão de. Entre a evidência e o indício: pistas para uma hermenêutica da memória. In: MORAIS, Julierme (org.) *A História sob Olhar Crítico: reflexões sobre terra, religiosidade e crise*. São Leopoldo: Oikos, 2018, p.30-43.

GOMES NETO, João Maurício. *Imaginários da Civilização em Rondônia: vencer o desconhecido, domar a natureza e construir a modernidade (século XX)*. Franca: UNESP, 2019. (tese de doutorado). Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/182050>. Acesso em: 10 de jul. 2023.

GOZA, Franklin. Brazilian frontier settlement: the case of Rondônia. *Population and Environment: a journal of interdisciplinary studies*, 1994, v. 16, n. 1, p. 37-60. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i27503371?refreqid=excelsior%3Adf9822deaecdac298d32f0655a5b52bf>. Acesso em: 01 nov. 2022.

HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiência do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p.133-191, 247-260.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição para a semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC Rio, 2006, 368 p.

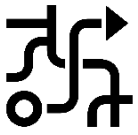
PAULA, Cátia Franciele Sanfelice de. *História de Trabalhadores no Processo de Transformação das Relações Capitalistas em Rolim de Moura (1970-2018)*. Uberlândia: UFO, 2018. (tese de doutorado). Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/22634>. Acesso em: 10 de jul. 2023.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*, 2009, n. 2, p. 163-209. 2009. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12>. Acesso em: 15 out. 2022.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999, p. 223-243.

FONTES

BOLSONARO (programa eleitoral 5min-tv): homenagem ao nordeste e críticas ao PT [S.l.: s.n], 8 out. 2022. 1 vídeo (5m10s). Publicado pelo canal poder 360. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xiO4HucQHhk>. Acesso em: 18 jul. 2023.



CALAZENÇO, Leonardo. Bolsonaroistas vão ao arcebispo e hostilizam imprensa em missa de Nossa Senhora Aparecida, em SP. *Diário de Goiás*. [Goiás, 2022]. Disponível em: <https://diariodegoias.com.br/bolsonaristas-vaio-arcebispo-e-hostilizam-imprensa-em-missa-de-nossa-senhora-aparecida-em-sp/>. Acesso em: 14 out. 2022.

GODOI, Rodrigo Tavares. Experimentar histórias, narrar vivências: uma compreensão da experiência estética rondoniense. II Seminário do Grupo de Pesquisa em Teoria da História e História da Historiografia no Brasil “História (Re)Sentida: compreensão ética e estética de arquétipos autoritários brasileiros” [S.l.: s.n.], 05 out. 2022c. 1 vídeo (1h29m42s). Publicado pelo canal Luiz Carlos Bento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WgRdSIJd-7M>. Acesso em: 07 nov. 2022.

GODOI, Rodrigo Tavares. Provisoriedade do conhecimento histórico [S.l.: s.n.], ago. 2022b. 1 vídeo (15m19s). Publicado pelo canal de podcast Minutos da História. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/7ERLqec70teOkJNdG1chvt>. Acesso em: 18 jul. 2023.

GOVERNADOR teixeirão: inauguração do estado de RO de 22 de dez. 1981 [S. l.: s.n.], 12 jul. 2011. 1 vídeo (2m48s). Publicado no canal cidade em destaque. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YNhvEWIsFLE>. Acesso em: 04 nov. 2022.

LETRAS (s/d). Hino de Rondônia. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/hinos-de-estados/126619/>. Acesso em: 18 jul. 2023.

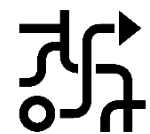
MUSEU pró-memória (1981). A ferrovia do diabo estrada de ferro madeira-mamoré – 1 de 3. [S.l.:s.n.], 27 out. 2016. 1 vídeo (15m16s). Publicado pelo canal do Iphan Minas Gerais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q1byZyewglE>. Acesso em: 14 out. 2022.

PESCARINI, Fábio. Católicos Bolsonaroistas encurralam jovem ao lado da basílica de Aparecida; veja vídeo. *Folha de São Paulo*. [São Paulo, 2022]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/catolicos-bolsonaristas-encurralam-jovem-de-vermelho-ao-lado-da-basilica-de-aparecida-veja-video.shtml>. Acesso em: 14 out. 2022.

PROPAGANDA eleitoral Brasil – Presidente – 07/10/2022 tarde e noite – primeira do 2º turno. [S.l.:s.n.], 07 out. 2022. 1 vídeo (10m24s). Publicado no canal televisão no RS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JRQnjZO5nV4>. Acesso em: 12 out. 2022.

RÜSEN, Jörn. O futuro da didática da história. [S.l.: s.n.], 19 set. 2022. 1 vídeo (1h36m46s). Publicado no canal PPGH-UFG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XEUbWzc4xiA>. Acesso em: 28 out. 2022.

TELAMAZÔNICA: Governo de Rondônia. [S.l.: s.n.], 06 ago. 2012. 1 vídeo (6m23s). Publicado no canal Rui Fibiger. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PdAW6dsAWag>. Acesso em: 01 de nov. 2022.



TV CULTURA especial: estrada de ferro madeira-mamoré (EFMM).[S.l.: s.n.], 16 out. 2011. 1 vídeo (19m). Publicado no canal Luiz Évora. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XxUpe8jzw3U>. Acesso em: 21 out. 2022.

Recebido em 18/04/2023

Aprovado em 09/11/2023